

## “JULES” DA SÉRIE *EUPHORIA*: E A CRIAÇÃO DO IMAGINÁRIO DE UMA MULHER TRANS

*“Jules” from the Euphoria series: and the creation of a trans woman’s imaginary*

Bezerra, Hannah; Graduação; Universidade Federal de Pernambuco, hannah.mochel@ufpe.br<sup>1</sup>

Carneiro Filho, Leonardo; Graduação; Universidade Federal de Pernambuco,  
leonardo.sousaf@ufpe.br<sup>2</sup>

Ypiranga, Lopes Maria Teresa; Doutora; Universidade Federal de Pernambuco;  
teresa.lopes@ufpe.br<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo consiste na análise da evolução do arquétipo feminino da personagem Jules, da série *Euphoria*, da emissora norte-americana, HBO. Identificando o processo de mudança da personagem e como isso reflete nos valores de moda aplicada a ela, além de analisar como sua vivência e seu estilo de vida estão interligados e um acaba influenciando o outro.

**Palavras chave:** Corpo; Poder; Trans; Jules

**Abstract:** This article consists of analysing the character Jules from the North American TV show *Euphoria*, from HBO MAX, and the evolution of her character archetype. Identifying the process of evolution of the character and how it reflects in the values of the fashion that applies to her, while also analysing how her lifestyle and her fashion sense are linked, and how one influences the other.

**Keywords:** Body; Power; Trans; Jules

### Introdução

O artigo tem como objetivo a apresentação do estudo da construção do arquétipo feminino e suas questões emancipatórias da personagem Jules da série *Euphoria*. Desenvolvida em 2022, a pesquisa que deu base aos estudos aqui apresentados teve como objetivo geral o de evidenciar o arquétipo feminino da personagem, e como objetivos específicos: i) identificar as diferentes visões

<sup>1</sup> Graduação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) (em andamento). Pesquisadora do grupo Gefol na área de Formação do Olhar.

<sup>2</sup> Graduação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) (em andamento). Pesquisador em design da informação em educação e saúde.

<sup>3</sup> Pós-doutorado em semiótica pela Université Sorbonne, Paris 1. Doutora pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com Sanduíche na Université Sorbonne, Paris 1. Pesquisadora nas áreas de Formação do Olhar, Semiótica e Sociologia aplicadas as discussões sobre a mulher, a moda e o design.

dos consumidores; ii) compreender o fator emancipatório feminino presente na personagem; e iii) compreender como os argumentos de moda constroem a personagem. A fundamentação teórica teve como base Lopes, M.T. (2014), onde ela nos explica que:

Formação do olhar é um processo de ensino e aprendizagem, que nesse caso depende da figura de um mediador discursivo (no caso um professor), que ocorre por meio do uso e do agenciamento de imagens. Imagens estas que são entendidas como manifestação e materialização em aparência de um discurso visual. Essa formação prevê etapas de leitura, análise e crítica do corpo de significação em que essas imagens se estruturam, que assim se organizam para articular a emancipação da pessoa que faça parte desse processo. (LOPES, P. 469, 2014)

E nesse sentido entender como essa personagem promove a nossa formação do olhar foi fundamental para a pesquisa realizada, que tem a característica de ser exploratória e descritiva, onde seu fator propulsor foi o aprofundamento do conhecimento da disciplina **História e Estética da Produção dos Estilistas - HEPE**, oferecida na Universidade Federal de Pernambuco, ministrada pela professora orientadora do artigo. Assim, por meio das análises realizadas e seus resultados, foi possível compreender as questões emancipatórias da personagem e assim desenvolver seu arquétipo.

### **Aporte Teórico**

Toma-se como base as teorias de Lopes, M.T. (2014) e de Michel Foucault (1979) na construção do discurso verbo-visual dos elementos de moda da personagem, incluindo seu figurino, maquiagem e acessórios. A partir destes dois autores temos o conceito também de Discurso Visual:

...tomando-se Foucault como referência, começa a ser definido como todos os demais discursos, ou seja, como um ato humano para a sistematização de um organismo de significados, que para existir ancora-se em um campo de poder simbólico disciplinar e sobre os sombreamentos prováveis e possíveis com os demais campos. Esse tipo de discurso se caracteriza ainda, assim como os não-visuais, por envolver-se em uma vontade de verdade que é ideológica e às vezes política, e revela, como argumento de diferenciação dos não-visuais, a condição de que a sua manifestação é aparente e por decantação de ideologia em aparência.

Outra condição essencial é que a sua vontade de verdade se estabelece no engaste das forças de poder que se instalam entre correntes espirituais (subjetividade). Os discursos visuais requisitam para os seus acontecimentos a percepção por estímulo visual, seus comentários, e estão sob uma ordem ritualista, e por sujeição. Contudo, esse acontecimento é uma ação que é a essência e a existencialidade desse discurso. Trata-se de um espaço subjetivo no qual se

concentra uma enorme potencialidade para ações e esforços formadores. (M.T. LOPES, P.57,2014)

A partir dessa definição, o discurso visual decorre das manifestações e materializações das influências externas e de moda da personagem, influenciando assim, a construção da formação do olhar – ou seja, da experiência do sensível da personagem, sendo o ponto de partida para o entendimento de sua expressão visual e subsequentes evoluções analisadas ao longo de sua trajetória.

Ademais, o estudo dialogou com Michel Foucault (1979), que é conhecido como o filósofo do corpo, e afirma que o corpo é uma realidade do biopoder, ou seja, atuante, é uma forma de atitude política, de liberdade e fonte de sexualidade. Sendo assim, podemos dizer que é um ente construído, e por isso fruto de um processo de formação do olhar, como propõe Lopes, M.T..

Formador de subjetividade, como diz Foucault, é importante entender homens e mulheres não como objetos, mas como corpos atuantes, que são influenciados e vivem por meio dos artefatos e discursos ofertados pela **Indústria Cultural**<sup>4</sup> e das **Instituições de Sequestro**<sup>5</sup>, as quais muitas vezes aplicam uma imobilidade ao movimento do corpo, que acima de tudo deve ser entendido como uma forma de liberdade. Um exemplo dessas **Instituições de Sequestro** são as próprias escolas, a qual impõe poder aos outros exigindo em troca a obediência, um exemplo clássico disso são os uniformes.

Desta forma, Foucault afirma que todo poder é uma forma de conhecimento e todo conhecimento é uma forma de poder<sup>6</sup>, mas, é importante ressaltar que o poder é um exercício, não exige imposição, o que existe na verdade é uma troca, cuja realidade sensível está presente na imagem dos corpos e em como os percebemos, notadamente, nas séries que nos são apresentadas.

### Metodologia

A metodologia utilizada foi a exploratória e isso se relaciona a base bibliográfica adotada e descritiva quando estamos fazendo uma descrição qualificada dos pressupostos encontrados na busca e construção do nosso arquétipo. Neste estudo, foram analisadas as participações e aparições

<sup>4</sup>Adorno, Theodor e Horkheimer, Max (1944).

<sup>5</sup> FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão* (1975).

<sup>6</sup> FOUCAULT, Michel. (1979).

– o Discurso Visual - da personagem Jules ao longo de duas temporadas da série, tendo no figurino, no seu gestual e no seu comportamento a base de nossas observações e análises, que assim foi desenvolvida, a fim de se ter um arquétipo baseado em duas distintas formações do olhar, a primeira de quem assiste a série e, a segunda, de quem está com embasamento teórico proporcionado pela disciplina HEPE.

A base argumentativa das nossas análises está na semiótica peirceana, de base darrasiana, que enfatiza os processos de mudança no percurso de dotação de sentido da personagem, analisando signos e seus processos de significação e por meio desse caminho foi possível construir a narrativa analítica e introdutória aqui apresentada.

### **Narrativa de contexto**

A personagem, Jules Vaughn apresenta-se como uma mulher trans, branca, adolescente com sua sexualidade não definida. Além disso, sua construção imagética remete à infância, inocência e bastante feminina, com roupas, maquiagens e acessórios que assim a retratam. Ao desenrolar das duas temporadas da trama, acompanha-se o amadurecimento emocional e psíquico da personagem, e conseqüentemente a mudança da forma que Jules se mostra ao mundo, tendo uma mudança considerável no seu estilo pessoal, e na sua relação consigo mesma e na e com a sua aparência.

Durante a construção da narrativa, Jules é vítima de diversos episódios de assédio, sexualização e humilhação devido ao modo como ela se veste. Uma vez que no início da trama, ela se apresenta com uma construção do imaginário de uma mulher a partir de um olhar infantil e inocente – é isso que os personagens masculinos vêem nela, e tentam tirar proveito disso.

Sua personalidade começa a se desdobrar depois de um episódio de assédio, em que um personagem, Cal Jacobs, tem relações sexuais com a Jules, mesmo ele sendo de maioridade e ela tendo 16 anos, e a filma, tudo isso sem o seu consentimento. Entretanto, o desenvolver de sua personalidade e de seu imaginário na trama começam depois do início de seu relacionamento com Rue, a protagonista da série, incitando assim, em uma busca de Jules por sua própria imagem e a quebra com a ligação do mundo infantil que ela, até então, vivenciava.

As roupas em tons pastéis, saias curtas, e maquiagens inspiradas no estilo de moda de rua japonesa, “*harajuku*” que marcavam a Jules na primeira temporada são transformadas em

camisetas, cabelo *dual cor*, e até mesmo o uso de *binders* ao longo da segunda temporada da série. Tais mudanças, podemos observar que são derivadas de uma série de traumas que a personagem vive, o assédio vivido pelo Cal, a chantagem emocional do filho dele, Natan, pela posse da filmagem, e o mais importante todas as nuances vividas por Jules ao longo de seu conturbado relacionamento com Rue e o abuso de substâncias ilícitas utilizados por ela.

Entretanto, não foram apenas os traumas que formaram o discurso visual de Jules. Por se passar pela idade da adolescência, transformações hormonais, e mentais trouxeram também diversas mudanças ao seu corpo e a construção mental da personagem que muitas vezes demoram para serem compreendidas. O ápice dessa mudança se dá, quando a personagem sai por um tempo de sua cidade, numa “fuga” e começa a se reconectar consigo mesma, a questionar sua identidade, tentando se encontrar como mulher e como pessoa, e isso transparece perfeitamente quando ela reaparece esbanjando um novo visual.

### Análise

Assim, a partir da figura abaixo transcorreram nossas considerações e análises do discurso visual da personagem Jules, e assim poderemos tecer nossas oportunas aprendizagens:

Jules é um recorte específico com uma realidade única. Uma mulher trans, jovem, com a mãe falecida e cercada de pessoas que abusam do uso de drogas ilícitas, o que acarreta numa construção da representação do imaginário feminino exclusivo na personagem. Então, para melhor compreender as nuances dela, fizemos uma seleção de figurinos chaves, mostrando as mudanças ao longo da sua trajetória, como evidencia a figura abaixo:



1 - A

1 - B

1 - C

1 - D

1 - E

Figura 01 – Fonte: autores – Fases de Jules <sup>7</sup>

O primeiro visual é a apresentação da personagem no começo da série (Figura 1 - A), com o uso de tons pastéis, uma silhueta bem definida, cintura marcada, e a coloração do cabelo loiro/rosa, Jules se apresenta para os espectadores da série como o raio de sol no meio da escuridão em que a narrativa se passa. A saia curta, a sobreposição de camisas com tons similares, com estampas de margaridas, e a mochila amarela por cima constroem um visual infantilizado, onde a inocência e liberdade são colocadas em evidência. Esse visual é o que a Jules queria passar, com base no seu imaginário do que uma menina-mulher deveria ser, e como devia se portar em público, é bastante evidente a caracterização de um arquétipo feminino inocente, frágil e jovial. Ademais, a maquiagem carregada e colorida e o cabelo rosa corroboram com a construção de tal arquétipo. Passando por um visual ainda “*edgy*”, porém dentro dos padrões aceitos, e o cabelo colorido remete a rebeldia adolescente.

Entretanto, a sexualização ainda é presente. Corrobora-se com a afirmação, principalmente, do tamanho da saia. Por se tratar de uma pessoa jovem, e que ainda não conseguiu se definir inteiramente no mundo, Jules puxa essas características do imaginário feminino, e como sempre, a presença de exposição corporal e o uso de sua sexualidade como forma de imposição social, e isso é explicitamente trazido pelo curto tamanho da saia.

Na imagem seguinte (Figura 1 - B), Jules se encontra em um momento decisivo na série. Uma encruzilhada emocional. Ela confronta Nate, o qual estava manipulando-a fingindo ser outra pessoa, para se aproximar dela, e confronta também o Cal, em um espaço em que ele está com a família, e ainda se encontra com um novo amor, por uma pessoa conturbada, a Rue. No figurino, essa atribuição do estado emocional da personagem, é representado pelas camadas de roupa da Jules. A sobreposição do vestido sobre a blusa de manga comprida, o uso das luvas, e o vestido com um caimento mais comprido do que as roupas que ela costumava usar, mostra uma Jules buscando segurança e cobertura por meio de um novo guarda-roupa.

Outrossim, na terceira imagem (Figura 1 - C), retrata o ponto pivotante da personalidade da personagem. Após os traumas vividos na primeira temporada da série, Jules se vê perdida e com

<sup>7</sup>1 - A: Screenshot da série Euphoria episódio 02 temporada 1, no HBO MAX. 2019  
1 - B: Screenshot da série Euphoria episódio 04 temporada 1, no HBO MAX. 2019  
1 - C: Screenshots da série Euphoria episódio 08 temporada 1, no HBO MAX. 2019  
1 - D: Screenshots da série Euphoria episódio 02 temporada 2, no HBO MAX. 2022  
1 - E: Screenshots da série Euphoria episódio 08 temporada 2, no HBO MAX. 2022

medo de sua namorada Rue ter voltado a usar drogas. Ademais, é notório o quanto a personagem se vê no meio de um fogo cruzado de emoções, e sua percepção de si mesma começa a mudar. Na composição do figurino, a alteração mais forte é o cabelo, saindo de um rosa inocente, para um “*dual-tone*” preto e loiro, marcante, desafiador e instigante. A mudança reflete o começo da mudança do entendimento da Jules sobre o mundo, e ela se vê como quer ser vista, saindo da subserviência e expectativa do olhar das outras pessoas, migrando de um arquétipo pessoal de jovem, fofa e inocente, e passando para o de uma pessoa forte, determinada e desafiadora. A roupa marca o seu novo posicionamento na estrutura da série. O uso de calças, um artigo de roupa que era pouquíssimo usado pela personagem – de uma simbologia que oscila entre o masculino e o feminino –, constitui um *look* que é assinado sobretudo pelo uso de um blusão com o símbolo de resistência trans nas costas, e ilustra a quebra do apego da personagem ao estereótipo feminino e a busca por seu próprio estilo. Além disso, o cabelo cumprido e o uso do *cropped* simbolizam os conflitos pessoais e a busca própria na construção de seu novo arquétipo.

Já na segunda temporada da série, Jules volta depois de fugir de casa e passar um tempo sozinha com outros amigos na “cidade grande”, voltando para encarar o fim de seu relacionamento, os problemas com seu pai, e encarar a recém encontrada identidade de gênero. Ao longo do arco da segunda temporada, a Jules se vê mudada, fugindo da ideologia feminina estruturada pelas grandes empresas estéticas que oferecem padrões de feminilidade e inocência, e se vê utilizando roupas que reforçam o posicionamento gerado da personagem. Essas atitudes ficam claramente evidentes nas (Figuras 1 - D e 1 - E), que retratam *looks* utilizados pela personagem no contexto da escola. Utilizando calças, camisas “básicas” e seu cabelo “*dual-tone*” recentemente cortado, ela busca se expressar de uma maneira mais “agênero” e forte. Além disso, suas maquiagens também mudam radicalmente, saindo de um universo dramático e fofo, para uma pegada mais natural, aparecendo algumas vezes sem o uso de maquiagem.

Não são só as vestimentas externas que mudam. Em uma cena específica da série, Jules é questionada por um amigo o porquê de ela estar usando *Binder*, uma peça de roupa popularmente utilizada por homens trans para disfarçar os seios. O questionamento continua pelo fato dela ser uma mulher trans de *binder*, e como isso é aparentemente incoerente. Entretanto, é isso que o novo


visual da personagem mostra, uma jovem que está se descobrindo, experimentando, por meio da moda e achando o que é confortável em sua pele, fugindo de rótulos e definições de terceiros sobre quem ela deve ser, como deve agir e, principalmente, como se vestir. Ela constrói sua emancipação por meio da sua aparência, como muitos jovens na realidade o fazem, pondo um fim a manipulação que o filho de seu agressor fazia com ela e buscando se reinventar, mesmo que isso custe suas relações mais preciosas, como seu namoro com a Rue.

### **Considerações Finais**

Assim, concluímos a apresentação e análise verbo-visual da personagem Jules e as duas distintas visões de como ela pode ser interpretada por meio da construção do seu discurso visual, possibilitando a nos entender o quanto a imagem da personagem funciona como um sistema de comunicação que gera a produção de sentido na narrativa da série. Descrevendo a personagem mais a fundo e com o contato com o aporte teórico, foi possível desenvolver um arquétipo para a Jules. O arquétipo estabelecido foi de uma jovem que está descobrindo sua liberdade por meio da moda e que seu estilo está totalmente ligado ao que ela deseja expressar para o mundo e nos possibilitando entender a moda como um sistema de identidade e distinção.

Com o recorte teórico, conseguimos compreender, mesmo que de forma introdutória, sobre como se dá a atuação desta imposição da formação do olhar sobre as relações que o corpo oferta como campo visual de discursos e de poder na sociedade. Como esse corpo, ao se assumir trans pode migrar de um semblante dócil, frágil e puro, para uma relação de empoderamento e de imposição sobre os demais corpos constituídos no espaço como alguém forte, seguro de si e com seu gênero constituído, ofertando assim uma aparência que compete e rarefaz as demais dinâmicas de biopoder.

Assim, podemos concluir aprendendo que o mesmo corpo pode ser fonte de sexualidade, prazer e independência, elementos da ordem subjetiva que adensam como aparência e comportamento na personagem – a qual se utiliza da moda como meio de comunicação não-verbal – para conquistar seu local de poder e empoderamento e assim mudar completamente. E por meio das relações de mudança e constituição de discurso em aparência, ela consegue sair desse sistema de assujeitamento a uma realidade hostil para um código de emancipação, empoderamento e construção de fortaleza emocional.





### Referências Bibliográficas

FOUCAULT, Michel. Biopolítica: O poder regulador da vida. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/filosofos/foucault/biopolitica/>. Acesso em: 11 maio 2022.

LOPES, Maria T. **A formação do olhar, o design de moda e a história da moda como argumento para a emancipação feminina**. Recife, 2014.

VALEIRAO, Kelin. **Paul-Michel Foucault: O conceito de biopolítica**. Rio Grande do Sul, 2013.

BERTOLINI, Jeferson. **O conceito de biopoder em Foucault: Apontamentos bibliográficos**. Natal, 2018.

CABRAL, João Francisco Pereira. "**Conceito de Indústria Cultural em Adorno e Horkheimer**"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/cultura/industria-cultural.htm>. Acesso em 30 de junho de 2022.

Vigiar e Punir. **Wikipedia**, 2021. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Vigiar\\_e\\_Punir](https://pt.wikipedia.org/wiki/Vigiar_e_Punir). Acesso em: 30 de julho de 2022.